

# Reflexos da automação na consciência operária

ALTAMIRO BORGES

*Esse artigo trata de um assunto ainda muito "pantanosos", que requer muita pesquisa. Não visa conclusões definitivas mas ousa uma reflexão para abrir caminho ao debate*

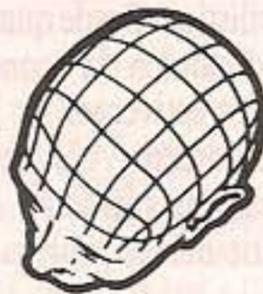
**E**m certa medida, o desenvolvimento da automação microeletrônica, a partir da década de 60, tem grande relação com a própria "consciência operária". Os investimentos do patronato em novas tecnologias e métodos organizacionais objetivaram, entre outras vantagens, superar um tipo de resistência nas fábricas verificado naquele período. Ela não era organizada, mas contribuiu na queda do ritmo de crescimento da produtividade nos EUA e na Europa. Nos Estados Unidos, por exemplo, ele caiu de 3,2% entre 1958/66 para 1,6% no período 66/74.

Essa "resistência informal" se manifestou no crescimento do absenteísmo (faltas ao trabalho) e do *turn-over* (abandono do emprego), no descaso crescente dos trabalhadores para com a produção (refletido no aumento dos refugos e reparos), e mesmo nas sabotagens e greves espontâneas do final da década de 60. Só para ilustrar, em 1969, diariamente faltavam 5% dos trabalhadores horistas da General Motors nos EUA; esse percentual pulava para 10% nas sextas e segundas-feiras. Já na Ford, o índice de abandono de emprego (*turn-over*) foi de 25,2% no mesmo ano. Na Chrysler de Detroit, mais da metade dos funcionários não chegaram a completar três meses de trabalho em 69.

Somado às falhas da organização taylorista e da linha de produção fordista e à crise crônica do capitalismo, esse tipo de resistência influenciou a burguesia a procurar novas técnicas de racionalização do trabalho (CCQ, Kanban, *just-in-time* e outras) e a investir em tecnologia mais avançada, na microeletrônica. Um de seus objetivos era exatamente o de "moldar" a consciência operária para enfrentar os

novos desafios econômicos. É nesse esforço que a burguesia vem promovendo intensas mudanças nas normas de produção. Esse processo ainda não está concluído, mas as linhas essenciais desse novo paradigma produtivo já são visíveis.

Rosa Maria Marques, no livro *Automação microeletrônica e os trabalhadores*, cita quatro normas de produção que integram esse novo paradigma: "produzir com estoque reduzido, em particular o de processo; capacitar seu aparelho produtivo de flexibilidade; organizar a produção e o trabalho de forma a aumentar significativamente o controle sobre o processo produtivo; reduzir substancialmente o tempo necessário para produzir". Essas normas resultam em impactos na economia e no comportamento de classe dos trabalhadores.



**Sensações de solidão, opressão e isolamento angustiam os operários diante da automação**

Não há dúvida que as máquinas-ferramentas de controle numérico computadorizado (CNC), os controladores lógicos programáveis (CLPs), os robôs e o sistema CAD/CAM afetam a consciência dos operários. Além do "desemprego tecnológico", esses novos equipamentos alteram a qualificação profissional e mudam radicalmente o processo de produção - com a passagem da máquina-ferramenta tradicional para o sistema de máquinas auto-reguladas. Como ocorreu em outros momentos históricos de alteração brusca do processo produtivo, esses avanços tecnológicos ten-

dem a jogar os trabalhadores numa certa defensiva, já que passam a enfrentar algo desconhecido e assustador.

O efeito psicológico, pelo menos no primeiro momento, é de retração, expectativa e impotência. Com base em entrevistas feitas nos Estados Unidos, no período de 1986-87, Graziela de Oliveira conclui que o conformismo e a resignação são características marcantes da atitude dos trabalhadores diante da automação microeletrônica. O psicanalista Emílio Rebecchi chega a conclusões idênticas ao analisar os efeitos na Europa, em particular na Itália. Ele fala em sensações de isolamento, de solidão, de opressão, de agressividade e outras que angustiam os operários. Há um sentimento de perda real do conteúdo do trabalho, o que confunde e dificulta o desenvolvimento da consciência.

Láís Wendel Abramo, no texto "A subjetividade do trabalhador frente à automação", publicado no livro *Automação e movimento sindical no Brasil*, também observa esses sintomas entre os metalúrgicos das montadoras de automóveis de São Paulo. Para ela, a introdução da microeletrônica gera uma certa *robotização do trabalhador* - e lembra que o termo robô é de origem tcheca e significa escravo. Com base numa série de depoimentos, ela avalia que os trabalhadores "estranham as máquinas 'que fazem tudo sozinhas', sentem-se pequenos, frágeis e diminuídos frente a elas". O curioso é que sua pesquisa também aponta um certo fascínio dos operários pelo imenso avanço tecnológico, o que num outro modo de produção poderia significar o rompimento da alienação do trabalho e melhores condições de vida.

Um outro componente importante na questão da consciência operária é que a desqualificação operada pela microeletrônica atinge principalmente os profissionais especializados, que até recentemente detinham maior controle sobre o processo de produção, maior poder de barganha nas empresas e autovalorizavam o seu trabalho. É o caso dos ferramenteiros, principalmente os da indústria automobilística. Desde quando esse setor passou a ser o pólo dinâmico da economia capitalista mundial, eles sempre estiveram na linha de frente na resistência à exploração. No caso do Brasil, por exemplo, a retomada das greves no final da década de 70 se deu a partir desses profissionais no ABC paulista.

Por ser um trabalho não repetitivo, e por isso mesmo não padronizado, o capital sempre teve dificuldades de controlar esses profissionais. Os métodos tayloristas e fordistas e as anteriores inovações dos instrumentos de produção não conseguiram moldar essa e outras profissões especializadas. Agora, com a microeletrônica, isso já se torna possível. Através de um comando numérico computadorizado, por exemplo, o ferramenteiro deixa de ter o controle sobre a máquina. O seu conhecimento é repassado para o programa de computador (*soft*) e este - na maioria das

empresas - é localizado fora da produção. "O trabalhador agora simplesmente aperta um botão e a máquina inclusive diz para ele se a operação foi certa ou não", relata um operário de uma montadora de automóveis instalada em Taubaté (SP). Os efeitos dessa mudança já se fazem sentir na Europa, onde esses setores especializados passam por uma fase de certo defensismo e há inclusive queda no índice de sindicalização.

Na outra ponta, entre as poucas funções que são valorizadas com o advento da microeletrônica, encontram-se as dos técnicos - principalmente os vinculados à eletrônica e à informática. Esses trabalhadores sempre foram mais reticentes a participar das lutas operárias. Eles estão mais próximos da hierarquia das empresas; rejeitam inclusive a definição de operários (*blue collors*), considerando-se funcionários do escritório (*white collors*). É verdade que a microeletrônica faz com que se aproximem dos produtores diretos, mas o que se observa é que ainda não possuem consciência de classe, são mais facilmente envolvidos pela ideologia patronal. Nos cursos promovidos pelas empresas, eles são treinados unicamente numa visão tecnocrática, individualista.



**“Em vez de musiquinha os robôs vão anunciar que tal dia nós entramos em greve”**

Nesse sentido, a disputa pela hegemonia desse setor ganha destaque e essa é uma questão chave na atualidade. Na maioria, são trabalhadores jovens, com certo nível de escolaridade, novas exigências culturais e ardorosos defensores das novas tecnologias - porque, no momento, são beneficiados por ela. Como já se observa na Europa, o simples discurso sindical, economicista, não atrai essa parcela de trabalhadores. O mesmo se dá com o discurso doutrinário, dogmático. Essa camada exige maior preparo da militância sindical e/ou revolucionária para se engajar nas lutas. Mesmo os instrumentos usuais do sindicalismo, como as assembléias, não possibilitam maior aproximação, já que dificilmente aprofundam o debate sobre a nova realidade.

Com a microeletrônica também aumentam de importância algumas funções de operação e de manutenção dos novos equipamentos. E aqui se encontra um perigoso gargalo para a burguesia. Esses trabalhadores são responsáveis pela manutenção e otimização de máquinas avançadas e caras. Equipamentos que funcionam num sistema integrado que envolve toda a fábrica, garantindo a rapidez e a flexibilidade na produção. Além disso, esse novo paradigma produtivo, adaptado ao mercado em crise, exige que o estoque seja reduzido, diminuindo o capital circulante, e



que não haja refugos e retrabalhos.

Todos esses fatores demonstram a importância crucial que esses operários adquirem nas novas condições. Na era da microeletrônica, a parada de uma máquina ou a queda da qualidade do processo produtivo pode ter como consequência a paralisação do conjunto dos trabalhos da fábrica. Uma greve na central de computadores, por exemplo, afeta toda a produção. Na prática, o que a microeletrônica mostra é que *a fábrica moderna é mais dependente da ação coletiva dos trabalhadores*. O capital se torna mais vulnerável. Conscientizados, os trabalhadores detêm muito maior poder em suas mãos, mesmo com a diminuição do número absoluto de empregos.

O depoimento do metalúrgico de uma montadora de automóveis do ABC paulista, reproduzido por Laís Abramo, é emblemático: "O robô quando passa toca uma musiquinha. Então nós começamos a falar: 'isso aqui nós vamos usar um dia'. Quando entrarmos em greve, nós vamos trocar as fitas dos bichos e eles vão fazer o nosso trabalho. Em vez de tocar a música, eles vão falar: 'Olha pessoal, tal dia, tal hora, estamos em greve!' Se eles produzem para um lado, vamos tentar, de uma maneira ou de outra, que eles produzam para nós".

A burguesia já percebeu esse grande perigo. Não é para menos que ela tem combinado a introdução da microeletrônica com a difusão dos novos méto-

dos de organização - na maioria dos casos, estes são inclusive implementados primeiro para garantir a plena utilização das novas tecnologias. Para o capitalista, torna-se vital o maior envolvimento desses trabalhadores, sejam eles operadores, técnicos em eletrônica, analistas de sistema, controladores ou operários da manutenção. A sofisticação dos equipamentos e a maior integração do processo produtivo exigem o aumento da sua "participação", a sua corrupção ideológica. CCQ, *just-in-time* e outras técnicas "participativas" - verdadeiras ratoeiras do capital - se alastram em função disso.

Outra medida usada pelas empresas é a de isolar essas tarefas de ponta. O Centro de Processamento de Dados da Volkswagen no Brasil, por exemplo, que é considerado o mais avançado da indústria automobilística, está dividido em dois. Um funciona na unidade de São Bernardo do Campo e outro no bairro paulistano do Jabaquara. Essa duplicação decorre das normas de segurança da empresa. Em caso de greve, o CPD do Jabaquara entra imediatamente em funcionamento. A burguesia também procura afastar ao máximo os quadros médios dos operários da linha de produção. Conforme alerta Benjamin Coriat, "para conduzir e manter as instalações automatizadas, as direções se orientam, na prática, para os 'jovens com potencial'. Formação intensiva e constantemente atualizada, classe de promoções específicas, mas também isolamento em determinadas partes da instalação, refeições tomadas em comum ... servem para constituir um 'espírito' que pode se desenvolver com mais facilidade na medida em que o trabalho com os autômatos é específico, limitado, supõe cooperação e interesse pela tecnologia".



**Surge o "homem de vidro", transparente, vigiado pelo patrão, via computadores**

Além disso, é sempre bom lembrar que as novas tecnologias permitem um maior controle do capital sobre o trabalho. Surge o que está sendo chamado na Europa de "homem de vidro", um operário mais transparente, mais facilmente vigiado pelos patrões - via computadores. Consequentemente, diminui a autonomia dos operários no interior das fábricas. Mesmo as tarefas de supervisão, que antes eram facilmente identificadas na figura do chefe, passam a ser desempenhadas pelos próprios trabalhadores - com o auxílio da microeletrônica. O resultado é o acirramento da divisão no seio da própria classe.

Pode-se dizer inclusive que as novas tecnologias representam um salto de qualidade no que se refere ao controle do capital sobre o trabalho. Desde o nascimento do capitalismo que a burguesia procura aperfei-

coar esse domínio. Mas, como já foi dito, todas as técnicas anteriores de gerenciamento e mesmo os antigos instrumentos de trabalho nunca conseguiram estabelecer um controle mais rígido sobre uma parcela dos operários especializados e nem se expandir para outros setores da economia. Só a microeletrônica é que vai possibilitar esse salto. Ela é que irá simplificar as tarefas mais complexas, menos repetitivas.

Através da microeletrônica e da informática, o capital passa a deter maior controle em setores como o comércio, os escritórios, os bancos e mesmo na agricultura - que estavam imunes aos princípios tayloristas. "A tecnologia da informática é uma tecnologia de coordenação e controle de força de trabalho dos trabalhadores de escritório, os quais a organização taylorista não consegue abranger", reconhece o gerente-geral da Olivetti, Franco Benedetti. Com o uso do sistema CAD/CAM, até mesmo tarefas de concepção, como a dos projetistas, são simplificadas, codificadas. O levantamento da rede ferroviária francesa que exigia, em média, três dias de trabalho de um desenhista, com o CAD/CAM passou a ser feito em 40 minutos. O desenho de uma casa, que um projetista no sistema anterior demorava dois dias para executar, agora é feito em duas horas no terminal de um computador.

Rosa Maria Marques também destaca o fato da "microeletrônica possibilitar às multinacionais acompanhar, em tempo real, o que ocorre em cada filial. Essa maior integração, somada à homogeneização dos processos alcançados pela automação, permite que as empresas tenham maior possibilidade de alterar a produção e o envio de material, de acordo com as variações de preço, mercado e mesmo em *decorrência de questões sindicais*". Henrique Rattner, no livro *Informática e Sociedade*, lembra que uma multinacional, que ele não nomeia, dispõe de um serviço de comunicação interno ligando mais de 500 computadores, espalhados por 100 cidades situadas em 18 países. Já Gonzalo Falabella cita, no livro *Automação e Movimento Sindical no Brasil*, o caso da Ford de Detroit, "que recebe dia e noite, e a cada momento, informações sobre todas as suas fábricas no mundo".

Todos esses transtornos gerados pela microeletrônica foram sentidos de imediato pelo movimento sindical dos países industrializados. Segundo Piercarlo Maggiolini, autor do livro *As negociações trabalhistas e a introdução de inovações tecnológicas na Europa*, os sindicatos da Noruega foram os primeiros a firmar acordos tratando da questão, no início da década de 70. Atualmente, as várias centrais sindicais européias tomam iniciativas para contornar os efeitos devastadores da microeletrônica.

Na Inglaterra, por exemplo, já existe mais de uma centena de acordos administrativos sobre as novas tecnologias. Na França, a pressão sindical dos trabalhadores conseguiu que o governo introduzisse, em 1982, mudanças no código de trabalho, garantindo maior acesso às informações e o uso de peritos

na discussão dos efeitos da automação. Na Alemanha, as leis sobre co-gestão, a partir de 72, também prevêm a participação dos conselhos de empresa, dos sindicatos e da central sindical (DGB) na discussão do assunto.



### **Sindicatos cuidam de preservar empregos e proteção dos dados sobre cada operário**

Levantamento feito pelo autor indica que a maior parte das reivindicações do sindicalismo europeu diz respeito ao direito de informação e participação no processo de introdução das novas tecnologias. Para garantir esse acesso, a Federação dos Sindicatos Nórdicos (NFS), por exemplo, conquistou o chamado "delegado para informática", que acompanha os projetos de implantação dos equipamentos microeletrônicos desde o seu estágio inicial. Como explica um documento da central inglesa (TUC - Trade Union Congress), "é na fase de projeto de um novo sistema que serão tomadas as decisões que se referem à influência da tecnologia sobre aqueles que trabalham com ela".

A preocupação básica do movimento sindical na atualidade é com a preservação do emprego. Nesse sentido, a bandeira da redução da jornada de trabalho faz parte do grosso das pautas de reivindicação. Sem dúvida, é a exigência que mais corresponde ao estágio atual da automação microeletrônica. Há ainda outras propostas, como a da diminuição da idade de acesso à aposentadoria e da ampliação da idade de ingresso no mercado de trabalho. Apesar de objetivarem o aumento da oferta de trabalho, ambas são questionadas e têm pouca eficácia. Primeiro porque o desemprego tecnológico já vitima principalmente os jovens, as mulheres e os idosos. Além disso, a proposta teria um conteúdo discriminatório, excluindo do mercado de trabalho importantes segmentos da população. Há também a exigência da reciclagem profissional, garantindo cursos e o reaproveitamento em tarefas de qualificação comparável para os afetados pela automação.

Outra preocupação é com o aumento assustador do controle do capital sobre os trabalhadores. O que se reivindica é a democratização dos locais de trabalho e a chamada proteção dos dados individuais, proibindo que as empresas utilizem informações de caráter pessoal para interferir na produção. Esse perigo é permanente, como atesta o caso da IBM da Itália, que montou um complexo sistema de informática nas suas sedes de Segrate e Vimercate. Através dele, registra os horários de início e fim de um trabalho, eventuais pausas e tempos mortos, quantidade de operações realizadas, erros eventuais e tempo empregado nas operações individuais. A IBM detém inclu-

sive códigos personalizados de cada funcionário, utilizando-os na sua política de recursos humanos (promoções, prêmios por mérito, etc.). Apesar de atentar contra vários artigos do Estatuto dos Trabalhadores italianos e de ser processada pela comissão de fábrica, a multinacional foi absolvida pelo Tribunal de Milão, em dezembro de 84.

Todas essas reivindicações e mesmo os acordos firmados, entretanto, não têm conseguido barrar os efeitos nefastos da automação sob domínio do capital. Apesar da pressão do sindicalismo mundial, que reflete o anseio das bases, há consenso entre os vários estudiosos do assunto de que nem na Europa e nem no resto do mundo ocorrem conquistas mais duradouras nesse terreno. Pela própria lógica do sistema, o capital entende a fábrica como um lugar sacrossanto. Para garantir lucratividade, ele não pode permitir que os trabalhadores interfiram no processo de produção e discutam a distribuição da riqueza produzida. A própria microeletrônica e os métodos de racionalização do trabalho, como já foi dito, visam exatamente afastar os trabalhadores dessas decisões. Nessa hora, a burguesia lembra o sagrado direito da *sua* propriedade privada.

Como reconhece Piercarlo Maggiolini, o poder dos trabalhadores de influenciar na aplicação das novas tecnologias é limitado. "O direito à informação, consulta e negociação desde a projeção, não raramente, é frustrado pelas direções das empresas que temem dificuldades, atrasos ou mesmo vazamento de informações sigilosas que as prejudiquem". Mesmo a participação nas comissões "paritárias" de automação, tão comuns atualmente na Europa, apresenta suas limitações. "Há o risco de que os participantes da projeção dos sistemas acabem se tornando uma espécie de 'reféns' da direção e dêem cobertura a escolhas, na realidade, feitas totalmente pela empresa", afirma o estudioso italiano.

**Ao mesmo tempo que se conquista a redução da jornada, cresce o ritmo do trabalho**



As restrições próprias do capitalismo se fazem presentes inclusive quando os trabalhadores conquistam a tão almejada diminuição da jornada. Exemplo disso é que as recentes reduções na Alemanha, França e Espanha, que variam de uma a quatro horas semanais, não conseguiram conter o desemprego. A microeletrônica e as técnicas de racionalização permitem o aumento da produção com um número bem menor de trabalhadores. Ao mesmo tempo em que a redução é conquistada, o capital intensifica o ritmo de trabalho. Na França, por exemplo, esperava-se que a redução da jornada em uma hora semanal, ocor-

rida em 81, preservasse 350 mil empregos. Mas ela "beneficiou" apenas 50 mil operários.

Essas limitações, impostas pela lógica do capital, não devem jogar os trabalhadores no imobilismo e na apatia. A própria experiência internacional indica que é possível obter avanços, mesmo que parciais e temporários, na luta contra os efeitos da automação. Além disso, deixar de apresentar propostas concretas que abordem o problema, levaria os que não se iludem com o capitalismo ao total isolamento diante dos trabalhadores. O seu discurso cairia no vazio, dando espaço para os que defendem apenas reformas no sistema. Reformas, inclusive, que o novo paradigma produtivo em curso não permite, já que a exclusão de milhões de pessoas do mercado de trabalho e de consumo lhe é algo intrínseco.

Ao aprofundar a contradição entre apropriação privada e produção social, o avanço da automação indica que é cada vez mais necessário vincular as lutas imediatas às lutas por transformações revolucionárias - pelo fim do modo de produção capitalista. O discurso e a prática reformistas, predominantes no sindicalismo europeu, só desarmam os trabalhadores diante da ofensiva do capital. Segundo um documento da própria Organização Internacional do Trabalho (OIT), o que se observa em vários países atualmente é a generalização da chamada *concession bargaining* - a concessão barganhada. Diante da difusão da microeletrônica, os sindicatos vinculados à social-democracia aceitam cortes salariais e até mesmo perdas negociadas do nível de emprego. Sem qualquer perspectiva de transformação do sistema, eles se submetem à lógica trituradora do capitalismo sem oferecer uma resistência mais global e combativa.

Do ponto de vista do sindicalismo classista, o avanço da microeletrônica indica a necessidade de reforçar os sindicatos. Como atesta a Federação dos Metalúrgicos Italianos (Fiom), "em todos os países industrializados, inclusive na Itália, a nova fase tecnológica coincidiu com uma iniciativa empresarial avassaladora que destruiu relações industriais consolidadas. Foram e são instrumentos dessa ofensiva tanto as demissões em massa quanto um novo estilo gerencial caracterizado pela agressividade anti-sindical". Mais do que nunca também é preciso garantir autonomia dos trabalhadores frente às políticas patronais de envolvimento e cooptação. É necessário ainda priorizar a organização de base, aumentando a representatividade de organismos independentes, tipo comissões de fábrica. Outro grande desafio dessa nova fase é o da integração dos operários produtivos com técnicos, disputando ideologicamente esse setor e elevando sua consciência de classe.

Esses desafios tendem a ser colocados cada vez com mais força para o sindicalismo brasileiro. Isto porque está havendo uma intensa incorporação de tecnologias de ponta na indústria. Segundo Álvaro Dias, "na atualidade, o Brasil é o país latino-americano

que mais rapidamente avança na produção e instalação de novas tecnologias". Um exemplo é o da recente produção e instalação de máquinas-ferramentas de controle numérico computadorizado (MFCNC). Em 1972, foram produzidas e instaladas apenas 17; em 86 já existiam 2.548 equipamentos desse tipo em funcionamento no Brasil.

### **A microeletrônica vem sendo implantada no Brasil por pressão da concorrência externa**



É verdade que o avanço da microeletrônica no país ainda é limitado e deformado. Uma das razões desse atraso é o próprio baixo custo da mão-de-obra. Mas a questão salarial não deve ser absolutizada. É só lembrar o caso do Japão, onde o salário médio na indústria também é baixo (38% menor que o americano e 33% menor que o alemão), mas a automação é meteórica. Com a maior integração do mercado capitalista, outros componentes forçam o seu rápido desenvolvimento. O que se observa é que a microeletrônica está sendo implantada no Brasil em função da concorrência internacional. Ela se vincula, por exemplo, à fabricação do carro mundial - seja o produzido num único país para a exportação ou o fabricado de maneira integrada em plantas industriais espalhadas pelo mundo. As exportações teriam, assim, um papel predominante.

Se hoje, segundo cálculos parciais, somente 10% dos operários brasileiros das grandes fábricas estão em contato direto com a microeletrônica, a tendência é do crescimento desse contingente. E aqui entra outra questão que deve gerar preocupações. É que esse desenvolvimento das novas tecnologias se dá precisamente onde o movimento sindical tem mais força - nos setores de ponta da economia, como o automotivo. "Em consequência", alerta Álvaro Dias, "os setores mais avançados dos trabalhadores se confrontam com um novo desafio. A grande maioria dos trabalhadores não se enfrenta ainda com as novas tecnologias, mas esta já é a vivência dos que trabalham nas grandes empresas e que constituem a base fundamental de apoio do sindicalismo brasileiro".

Por último, algumas considerações sobre o perfil da classe operária - sobre as mudanças provocadas pela automação microeletrônica na sua composição social. Esse é um ponto em que o bombardeio de idéias é muito intenso. Há quem afirme que a tendência é a do total desaparecimento da classe operária. Muitos sonham com as "fábricas sem homens", plenamente automatizadas. Alguns amantes do capitalismo chegam a argumentar que também nesse ponto "o marxismo morreu" - que a classe operária não teria mais qualquer papel nas sociedades modernas,

muito menos o de vanguarda das transformações revolucionárias.

Muitas dessas "teses" são formuladas por apologistas do atual sistema de exploração, não têm qualquer base científica. Outras, entretanto, partem de fatos reais e necessitam ser levadas em consideração - a não ser que se escolha o caminho da cegueira política. É inegável que a automação microeletrônica resulta numa redução drástica do contingente de operários fabris. É indiscutível também que afeta o seu comportamento de classe e a sua conformação produtiva. Há necessidade, entretanto, de se relativizar essas questões para se ter uma dimensão real dos novos desafios.



### **Alterações no perfil operário: redução numérica e mudanças nas diversas profissões**

Em primeiro lugar, porque a automação não reduz apenas o número de operários fabris. Ela afeta todos os setores da economia. Com a informática e a microeletrônica, o capital acelera o processo de exclusão dos assalariados do mercado de trabalho. Se até há pouco tempo os setores de serviços tinham crescido, servindo inclusive como absorvedores da mão-de-obra expelida pelas indústrias, hoje eles são duramente atingidos pela automação. Os "caixas automáticos" desempregam no setor bancário; o "código de barras" demite no comércio; o sistema CAD/CAM afeta inclusive profissionais vinculados à concepção, ao projeto. Segundo pesquisas oficiais, até o final da década passada cerca de 30 milhões de empregados em escritórios e bancos foram afetados pela informatização nos EUA - enquanto que a microeletrônica vitimou 7 milhões de operários na indústria.

Por outro lado, mesmo em fábricas de avançada automação, o que se observa é que é inviável a eliminação plena do trabalho operário, inclusive das tarefas puramente manuais. Rosa Maria Marques cita o caso da seção 54 da Volkswagen de Wolfsburg, na Alemanha, considerada a mais automatizada do mundo. Apesar da automação na área de montagem ter eliminado 80% dos empregos, ainda persistem as funções diretamente vinculadas à produção. Para ela, a automação se dá de forma seletiva. Atinge a circulação de peças e subconjuntos, determinados trabalhos repetitivos, alguns pontos de estrangulamento e áreas onde o trabalho complexo pode ser encerrado num programa de computador - como é a usinagem. Benjamin Coriat tem a mesma opinião: "Os sistemas automáticos de trabalho são incapazes de se encarregar do conjunto das tarefas de circulação ou de operação. Uma grande parte delas permanece como tarefas manuais, de execução num ritmo rápido".

Ainda sobre o perfil da classe operária vale abor-

dar uma outra questão - muito complexa e que merece maiores estudos. Como já foi dito, a automação microeletrônica faz desaparecer várias profissões, desqualifica outras e torna algumas poucas altamente especializadas. O pessoal técnico, vinculado à eletrônica e à informática, é o mais beneficiado. Isso é constatado pelo próprio crescimento desse setor. Pesquisa feita no Brasil indica que, no período de 1980-86, o contingente de técnicos de apoio à produção na indústria pulou de 14,9% para 16,1% e de técnicos em projeto de 2,2% para 3,2%. Essa é uma tendência observada em nível mundial. As profissões técnicas, no período 70-80, saltaram de 3,1% para 10% na Coreia do Sul e de 7,7% para 10,7% em Cingapura.

Mas o que importa destacar nesse ponto é que a microeletrônica aproxima o pessoal técnico do trabalho produtivo. Numa fábrica com equipamentos sofisticados e altamente integrados, as tarefas desses profissionais se vinculam diretamente à produção. Karl Marx, na sua obra *O Capital*, já havia apresentado uma visão mais abrangente de classe operária. Ele dizia que para pertencer à classe "basta ser um órgão do trabalhador coletivo ou desempenhar nele uma função qualquer. A determinação primária do trabalho produtivo, derivada da natureza mesma da produção material, permanece sempre verdadeira em relação ao trabalhador coletivo considerado como uma única pessoa". Pode-se arriscar a dizer, então, que o técnico ou mesmo o engenheiro na fábrica automatizada é tão produtivo quando um operador de máquina de comando numérico. Ambos cooperam, juntos, na produção do mesmo produto.

**Especialistas ficam  
mais perto  
dos operários, sem  
as antigas  
funções de controle**



É nesse sentido que alguns estudiosos argumentam que, apesar da diminuição do número absoluto de trabalhadores fabris, há um alargamento da base operária na fase atual. Segundo Jean Lojkine, "o que hoje está prestes a desaparecer não é a classe operária, mas a secular divisão entre os trabalhadores manuais (os 'colarinhos azuis') e os 'colarinhos brancos'. Engenheiros politécnicos dirigindo, juntamente com técnicos especializados, instalações automatizadas; 'operários' programando, num microprocessador, um ciclo de produção - eis a nova classe operária deste fim de século".

N. Gauzner também aponta essa aproximação. "À medida que aumenta o número de engenheiros e técnicos, estes vêm-se cada vez mais submetidos à hierarquia do poder capitalista. Na sua imensa maioria já não desempenham mais funções de controle e vigilância em relação aos operários. Estão a deixar

de se identificar com a administração. A divisão capitalista do trabalho, que se torna cada vez mais profunda, priva o seu labor do caráter criador universal. Vai diminuindo a diferença entre o ordenado dos empregados e o salário dos operários qualificados. Essa diferença é com frequência a favor do salário dos operários". Ele conclui: "Nas condições atuais acentua-se a tendência para a sua aproximação da classe operária. A composição social do proletariado moderno é mais complexa e diversa".

É evidente que essa aproximação ainda ocorre apenas do ponto de vista objetivo. Subjetivamente, o pessoal técnico se mantém distante dos operários manuais. Essa mudança de composição nas fábricas inclusive cria problemas para o desenvolvimento imediato das lutas operárias. De acordo com Benjamin Coriat, "passa-se de um tipo de operário (profissional-mecânico), que constitui a base do sindicalismo atual, a um outro tipo de operário (elétrico, 'jovem' e escolarizado), cujos comportamentos culturais e políticos - em particular frente ao sindicalismo - arriscam-se a ser claramente diferentes".

Mas, como alerta Lojkine, "a revolução informacional obriga o capitalismo a brincar incessantemente com fogo ao revolucionar as suas próprias normas, a sua cultura, na tentativa de salvar o essencial - ou seja, o seu sistema de exploração". A conscientização desses trabalhadores, que já exercem funções produtivas nas fábricas modernas, coloca grandes riscos para a manutenção do atual sistema de exploração. Para integrar à classe operária esses "quadros médios" (técnicos, engenheiros, projetistas e outros) é evidente que será necessário muito esforço e criatividade. Mas isso é possível e eis aqui um grande desafio dos trabalhadores de vanguarda, dos revolucionários, na atualidade. ■

ALTAMIRO BORGES - Jornalista, presidente do Centro de Estudos Sindicais (CES) e Assessor do Sindicato dos Trabalhadores em Água, Esgoto e Meio Ambiente de São Paulo.

## NOTAS

- (1) MARQUES, Rosa Maria, *Automação microeletrônica e o trabalhador*, SP, Biental;
- (2) NEDER, Ricardo Toledo, (org.), *Automação e Movimento Sindical no Brasil*, SP, Hucitec, 1988;
- (3) SCHMITZ, Hubert e CARVALHO, Ruy de Quadros, (org.), *Automação, Competitividade e Trabalho: a experiência internacional*, SP, Hucitec, 1988;
- (4) OLIVEIRA, Graziela, *Do Conformismo à Reação. O trabalhador diante da automação do trabalho*, Mimeo;
- (5) MAGGIOLONI, Piercarlo, *As Negociações Trabalhistas e a Introdução de Inovações Tecnológicas na Europa*, RJ, Vozes, 1988;
- (6) GAUZNER, N. *O Capitalismo e as Conseqüências Sociais da Revolução Técnico-Científica*, Lisboa (PO), Estampa, 1975;
- (7) LOJKINE, Jean, *A Classe Operária em Mutações*, BH, Oficina de Livros, 1990;
- (8) CORIAT, Benjamim, *A Revolução dos Robôs*, SP, Busca Vida, 1989;
- (9) REBECCHI, Emílio, *O Sujeito Frente à Inovação Tecnológica*, RJ, Vozes, 1990;
- (10) BRAVERMAN, Harry, *Trabalho e Capital Monopolista - A Degradação do Trabalho no Século XX*, RJ, Zahar, 1980.

# A classe operária e a questão de gênero \*

SARA SORRENTINO

*Para superar certas tendências simplistas  
o marxismo tem pela  
frente o desafio de desenvolver o estudo  
mais profundo das relações  
entre luta de classes e emancipação feminina*



•42•

**E**ste final de século parece ter desvendado, além do esgotamento de um ciclo da experiência socialista no mundo, a existência da opressão de gênero na história da humanidade. A questão da mulher tem emergido com força em todos os campos da vida da sociedade, e mais do que nunca se tem debatido, estudado, elaborado e mesmo incorporado ao cotidiano essa questão. A situação da mulher tem evidenciado, não só seus aspectos específicos, mas também os mecanismos e processos que determinam as condições materiais e as relações econômicas entre os seres humanos, bem como suas relações no mundo das idéias e dos sentimentos em todas as suas manifestações - culturais, artísticas, éticas, científicas, políticas, ideológicas e psicológicas - que nem sempre se dão por caminhos muito claros e diretos. Através da análise de fenômenos gerados pela opressão de gênero, podemos penetrar nas difíceis questões da democracia, da diversidade de motivações e formas de participação do povo nos mecanismos intrincados da exploração, no papel do Estado. Enfim, analisar a questão de gênero é, em certa medida, analisar a essência de muitos dos problemas enfrentados pelo socialismo em nossos dias.

Um desses problemas está relacionado ao mecanicismo e à tendência a análises simplistas da realidade,

de, presentes muitas vezes na aplicação e no desenvolvimento do marxismo. Engels já detectava essa maneira mecânica de abordar os reflexos superestruturais da vida econômica e registrou isso em sua famosa carta a Bloch (1).

No que se refere à questão da mulher, ao lado dos inúmeros avanços alcançados nas últimas décadas, temos vivido, no campo da teoria marxista, o esgotamento de inúmeros modelos teóricos e práticos, construídos sem um suficiente desenvolvimento do próprio marxismo por parte de seus seguidores.

Neste artigo, pretendemos abordar algumas dessas questões, particularmente aquelas ligadas à inter-relação entre classe e gênero, buscando encontrar nos postulados do marxismo os pontos de partida que podem nos indicar os fios e teias, muitas vezes invisíveis, que ligam os problemas da produção e reprodução da vida - entendidos frequentemente de forma equivocada, apenas como aspectos do trabalho nos moldes que o conhecemos no capitalismo. Procuraremos relacionar esses elementos fundamentais da existência humana ao surgimento e manutenção da opressão de gênero.

O marxismo-leninismo afirma - e a vida tanto do mundo capitalista como das experiências socialistas tem confirmado - que a exploração de classe é de-

(\*) Usaremos a formulação *opressão de gênero*, em vez de *opressão de sexo*, buscando expressar assim, de forma mais clara, o conceito ligado aos papéis do masculino e do feminino, construídos em relação a homens e mulheres e que têm nas diferenças biológicas apenas seu ponto de partida. São construções culturais, éticas, científicas, políticas e morais elaboradas com base nas relações sociais entre os seres humanos, ao longo da história. A formulação de gênero nos parece mais pre-

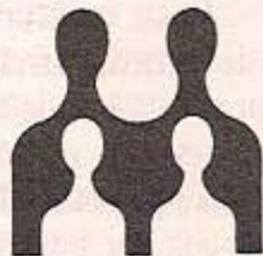
cisa, na medida em que evita a tendência à limitação aos aspectos biológicos que a palavra *sexo* sugere e precisa melhor a discriminação, como construção social. O conceito de gênero permite ainda ressaltar a evidência de que, se existe um gênero feminino oprimido, existe um gênero masculino opressor, também construído socialmente. Se a opressão não é "natural" para a mulher, também não o é para o homem. Não existe simplesmente mulheres oprimidas, mas sociedades organizadas de forma discriminatória quanto ao gênero.



cisiva em relação à opressão de gênero. O marxismo afirma, ainda, que esta última não se resolverá sem que se resolva a exploração de classe. Ter claro essa assertiva, no entanto, não significa que a complexa relação entre classe e gênero para o marxismo-leninismo se restrinja a esses postulados.

Podemos evidenciar essa tendência reducionista, por exemplo, ao procurarmos demarcar os campos entre as concepções marxista e não-marxista. Não nos referimos aqui àquelas idéias burguesas claramente machistas, que a própria vida tem se encarregado de desmascarar, mas sim às várias concepções feministas existentes no seio da luta pelo fim da discriminação da mulher.

**O marxismo colocou por terra a tese da base natural, fatalista, da opressão da mulher**



Se simplificarmos a questão, colocando num único bloco todas essas concepções, baseados no fato de que elas não reconhecem a opressão de classe como fator de origem da opressão de gênero, não conseguiremos abarcar as inúmeras correntes que, embora se coloquem como firmes opositoras da tese do "natural", da origem biológica da opressão, não partilham da análise materialista-histórica dessa opressão. Diga-se de passagem que aquele "sexismo feminista", de visão exclusivamente biológica, nunca teve maior expressão em nosso país e mesmo no mundo, restringindo-se a pequenos grupos radicais, sem maior projeção (veja quadro ).

O marxismo, longe de restringir a questão de gênero à mera decorrência mecanicista e colateral da questão de classe, foi e é a ciência que colocou por terra a tese da base natural e, portanto, fatalista da opressão da mulher. Mas não se limitou a isso. Indicou os caminhos para se entender a relação entre classe e gênero - o que procuraremos abordar neste artigo. No entanto, embora muito se tenha gastado de papel e tinta para provar que a teoria de Marx não consegue dar conta da questão de gênero, pouco se tem avançado no desenvolvimento desses postulados.

Uma série de mecanismos complexos - como a produção, primitivamente organizada em famílias, as características biológicas que diferenciam o homem caçador e guerreiro da mulher voltada para a reprodução, o próprio desconhecimento e idealismo, entre outros fatores - desempenha um papel até mesmo decisivo nas formas e nuances que as diversas sociedades vão adquirindo em suas relações, não só de gênero, mas de etnia, de idade, de nacionalidade, de localização na produção, etc. No entanto, isso não desmente o fato de que esses elementos têm um elo comum, fatores que, em última instância, são os determinantes principais da desigualdade: a propriedade privada e a exploração de classe.

Mas o marxismo vê a questão em sua complexidade e não se esgota aí. Uma das idéias centrais do materialismo, várias vezes repetida por Marx e Engels, é a de que, "segundo a teoria materialista, o móvel essencial e decisivo, ao qual obedece a humanidade na história, é a produção e a reprodução da vida imediata"(2). Procuremos refletir sobre essa afirmação no que se refere à origem da opressão e à relação entre a produção de bens materiais e a produção da vida.

Já nas primeiras diferenciações surgidas no trabalho - a divisão sexual do trabalho, chamada por Engels de espontânea -, essa relação entre produção de bens e gênero se manifesta e cria as condições para o surgimento, a partir da atividade masculina, do excedente, da escravidão e do acúmulo de riquezas na produção (pecuária e agricultura) e, mais que isso, cria a necessidade de incluir nessa propriedade os membros da família, para garantir a manutenção das poses através da herança.

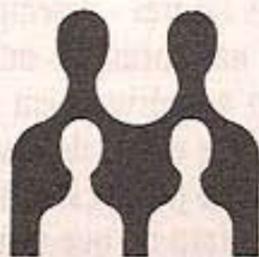
Uma diferenciação importante, no entanto, é que, se a divisão sexual do trabalho, surgida espontaneamente, precede a propriedade privada e as classes, a divisão sexual do trabalho por sua vez, é submetida à propriedade privada aos interesses das classes dominantes, sofrendo as conseqüências das mudanças, ocorridas num meio que acabou se tornando externo às relações familiares - o da produção social, agora inteiramente dominada pelos homens proprietários e não mais pela família, de forma coletiva.

A mulher passa, progressivamente, a produzir apenas para a família, que vai se tornando monogâmica, nuclear, patriarcal. Na medida em que avançam as sociedades, a produção doméstica cada vez mais

se distancia dos caminhos por onde passa a produção social, e a reprodução - problema antes coletivo, como a decisão dos casamentos, destino das proles em função do alimento disponível, etc. - vai se tornando questão privada, de domínio do patriarca.

Como a propriedade não é algo abstrato, de uma classe de possuidores abstrata, suspensa no espaço e no tempo, mas pertence a pessoas, em determinadas condições históricas essa propriedade se manifesta, ao longo da história, através de famílias patriarcais, monogâmicas, que passam seus bens de geração a geração. Não se pode negar que a propriedade é privilégio de uma classe, mas principalmente dos machos dessa classe, na medida em que é na forma de organizações familiares patriarcais que as pessoas acumulam riqueza.

**Os interesses de classe estão intimamente ligados à questão de gênero**



A família, que já havia deixado de ser o núcleo de produção e reprodução coletiva da sociedade, passa a ser, então, o núcleo econômico de caráter privado, que realiza a propriedade privada, e seus membros, submetidos ao dono dos meios de produção - o patriarca. A mulher na condição de esposa é proprietária apenas nos domínios do lar e enquanto reprodutora de futuros proprietários.

Mas, se situamos nas classes e na propriedade privada os fatores determinantes, em última instância, da opressão de gênero e assim visualizamos qual o caminho para o fim dessa opressão, isso também coloca para a classe operária a correta dimensão da questão de gênero e da opressão da mulher: aspecto que está intimamente ligado aos seus interesses de classe, não sendo apenas um problema de solidariedade entre os oprimidos.

Não se porá fim à propriedade privada dos meios de produção, e aos fatores que a geram continuamente, se não dermos combate também às suas manifestações e desdobramentos no terreno da reprodução e da família, nesse tipo de família que perdura até os nossos dias - a família patriarcal, mantida como unidade econômica da sociedade. E isso não será possível sem uma orientação nova e libertária nas relações de gênero.

Voltemos à afirmação de Marx e Engels: "O móvel essencial e decisivo ao qual obedece a humanidade na história é a produção e a reprodução da vida imediata, e por sua vez estas são de duas classes: a produção dos meios de existir, de tudo o que serve de alimento, vestuário, domicílio e utensílios; e, por outro lado, a produção do homem mesmo - a continuação da espécie" (3). Esta formulação sobre a produção e a reprodução da vida não deixa dúvida sobre

o que Marx e Engels entendiam por produção, sendo descabidas as conclusões de que na concepção "produtivista" de Marx não existe espaço para a questão de gênero, ou que em suas categorias e leis não se inclui a capacidade reprodutiva das mulheres, e assim por diante. Críticas nesse sentido, parecem mais lamúrias do tipo: por que Marx não escreveu um outro *O capital*, só para tratar desse tema e desta maneira nos poupar o esforço de pensar, por nós mesmos, sobre a questão?! Embora seja verdadeiro o fato de que esse postulado situa também uma outra ordem de problemas - pouco tem sido abordado, pelos continuadores do ciência do socialismo, o papel da reprodução da espécie ou, como Marx afirma, "a produção da vida mesma", cuja importância é ressaltada com tanta ênfase na citação acima.

As classes e a propriedade privada dos meios de produção, que atingem seu estágio mais avançado no capitalismo, estando portanto maduras para serem superadas, através da revolução socialista, condicionam diretamente o conjunto das relações humanas e a maneira como a humanidade resolve seu problema central - produzir e reproduzir a vida.

E quais as formas de produção e reprodução da vida que correspondem a essa estrutura social de classes? Colocando a questão de maneira bastante resumida e quase simplista, pois não é objetivo deste artigo abordar o tema, sabemos que os homens produzem organizados em classes, que, no capitalismo, se traduzem numa minoria, que não trabalha e apenas detém a propriedade dos meios de produção, apropriando-se dos bens produzidos, e numa imensa maioria que produz e gera as riquezas, recebendo em troca um salário que mal repõe sua existência e não resolve sequer a reposição da mão-de-obra, uma vez que, de forma crescente, a imagem do operário e de sua família vai sendo substituída pela do trabalho individual de homens, mulheres e crianças.

A essa estrutura social, no que se refere à questão de gênero, corresponde, a nosso ver, uma forma de organização que transforma a "produção do homem mesmo", que passaremos a chamar aqui de reprodução (sexualidade e geração dos filhos), em questão ligada aos interesses da classe que domina. Essa classe exploradora em sua essência inclui a mulher e os filhos no rol de suas propriedades e impõe ao conjunto da sociedade sua forma de organização familiar de controle da reprodução - uma organização que mantém seus laços com os antigos sistemas pré-capitalistas, nos seus aspectos mais retrógrados, mas cujo papel central, cuja razão de ser, liga-se aos seus interesses de lucro, de controle das riquezas, à manutenção e reprodução de suas formas de dominação.

A "produção dos meios de existir" - que passaremos a chamar de manutenção da vida (comer, vestir, morar, criar os filhos e cuidar dos doentes e idosos) - em vez de ser problema de sobrevivência de toda a humanidade, passa a ser resolvida na espera de cada

família, pelo patriarca-provedor e sua esposa-reprodutora. Assim como a humanidade chegou a uma situação de contradição antagônica entre a produção social e a apropriação privada dos meios de produção, também a reprodução - que deixou de ser questão coletiva, como nas sociedades primitivas, para se tornar um assunto gerido segundo os interesses da classe dominante e da manutenção da vida - deixa de ser problema coletivo, passando a ser uma questão privada. Ao assumirem o controle econômico, político e ideológico da sociedade, as classes impõem também o seu modelo de produção e reprodução da vida, segundo seus interesses e necessidades.

Vemos os exemplos máximos desse controle no casamento civil, que nada mais é do que uma regra estabelecida pelas classes dominantes sobre como os indivíduos devem se acasalar e ter filhos, nas prescrições da igreja, que impede o casamento de seus representantes para evitar herdeiros, no direito à perna

dos senhores feudais, no "uso" das escravas pelo senhor e, hoje, nas políticas de controle da natalidade e das novas tecnologias na área da reprodução humana, entre outros.



**Através do casamento civil, os dominantes regulam como se deve acasalar e ter filhos**

Marx afirma em *O Capital* que... "Cada uma das épocas históricas da produção social tem suas próprias leis de população, que só se aplicam a ela e que têm um valor histórico. Somente as plantas e os animais têm leis de população abstratas e imutáveis, se não contarmos aí com a influência humana". Essa afirmação pode ser uma importante pista a nos levar - fazendo frente aos alarmistas malthusianos de nos-

## Correntes feministas

Podemos situar três vertentes principais, entre aquelas, que convivem pacífica ou litigiosamente com a visão emancipacionista, no cotidiano da luta contra a opressão em nosso país: a primeira, sem ordem de importância, embora reconheça a questão de classes, subestima-a em detrimento das questões de gênero (os partidos são machistas, não são instrumentos para resolver a opressão de gênero; as mulheres, por serem as mais oprimidas, são sempre mais revolucionárias que os homens; e, somente quando prevalecer a maneira feminina de ver o mundo será possível uma sociedade igualitária, etc). Esta visão, embora defenda a necessidade de participação nas lutas políticas não específicas, o faz de forma guetizada, sem a perspectiva dos inimigos a combater, privilegiando lutas intestinas contra os homens dentro do movimento geral. Termina por ser agente de divisão e preconceito. Não obstante tenham o dom de não secundarizar a questão da mulher, perdem a perspectiva de classe e terminam, na prática, negando o socialismo, na medida em que lhe atribuem tantos defeitos machistas que o tornam "inviável".

A segunda, nega simplesmente as classes, reconhecendo apenas a questão de gênero (nem capitalismo nem socialismo, o feminismo somente é a solução; o que domina o mundo é o patriarcado, e não a exploração de classes). Bastante em voga com a crise do socialismo - mais um sistema patriarcal, segundo suas seguidoras -, esse movimento dedica-se apenas ao exclusivamente feminino, rejeita a atuação política e partidária, define o movimento num beco sem saída, restrito (felizmente) a um grupo de eleitas. Sua perspectiva acaba sendo carregada de

existencialismo e misticismo, encerrados no alcance da vida de cada um - viver prazerosamente.

Finalmente, a terceira vertente nega a questão de gênero e vê apenas a luta de classes, negando a especificidade e a necessidade estratégica da luta feminina (é só resolver as questões econômicas, a miséria e a fome, o resto é mera decorrência, mera questão de hábitos que virão automaticamente, etc.). De tradição histórica entre nós, de uma época em que a luta feminina era vista de forma utilitarista para aumentar os contingentes numéricos de lutadores, ela tem fôlego curto, restrito aos períodos de grandes mobilizações, diluindo-se no conjunto das lutas populares ou caindo no fisiologismo dos interesses imediatos, despolitizados. Seu arcabouço de idéias não consegue resistir ao contato com o cotidiano de opressão vivido pelas mulheres, na medida em que não responde às suas expectativas de libertar-se definitivamente dessa opressão específica.

É necessário lembrar ainda que, embora todas elas, em última instância, possam ser reduzidas a uma análise biologicista da origem da opressão, isso é verdadeiro apenas em última instância, pois na prática, em suas propostas de luta e em suas formulações, apresentam características que trazem importantes desdobramentos no campo da ação política e no campo teórico. Isso se expressa tanto nas diversas propostas organizativas existentes no movimento, como no grande arsenal de textos e livros produzidos para defender a tese de que é preciso construir uma teoria inteiramente nova para fazer avançar o feminismo, pois todas as existentes, e logicamente o marxismo é o mais visado, não dão conta da questão da mulher.

so tempo - ao desvendamento das leis populacionais próprias de cada modo de produção e, mais do que isso identifica quais as leis próprias do crescimento populacional, na atual fase do desenvolvimento capitalista. Mas, sejam quais forem as conseqüências desse desvendamento, certamente encontraremos a opressão de gênero e o controle das classes dominantes sobre a reprodução, como um mecanismo fundamental de atuação dessas leis, nas sociedades baseadas na opressão de classe e gênero.

Certamente, já poderemos adiantar que nessas sociedades não existe qualquer indício de se adequar o crescimento populacional aos interesses de homens e mulheres produtores, tampouco à preservação do planeta e da humanidade, apesar do alto desenvolvimento tecnológico e científico alcançados. O que existe é a tentativa de submissão desse crescimento aos interesses do modelo dominante - o imperialismo neoliberal.

No que concerne à manutenção da vida, embora a produção se amplie enormemente, o suficiente para atender às necessidades antigas e novas de toda a humanidade - o acesso a essa produção é barrado,

não só pelo impedimento de acesso à renda -, como também pelos mecanismos da opressão de gênero, que mantêm as tarefas ligadas ao uso dessa produção - alimentação, vestuário, moradia, criação e formação das crianças - como responsabilidades a serem assumidas de maneira privada. A liberação da mulher desses encargos é condicionada às possibilidades de compra de bens ou serviços que os substituem - o que é barrado em grande parte às classes exploradas, além dos mecanismos adicionais de exploração serem baseados na opressão de gênero, com a entrada da mulher no mercado de trabalho em condições de desigualdade.

As condições de desenvolvimento industrial, tecnológico e científico aqui, como na reprodução, já permitem a solução dos problemas de manutenção da vida, no âmbito da grande indústria, em grande escala socializada, mas não podem ser resolvidos dessa forma pelas classes dominantes, cuja ideologia - reflexo de seus interesses - necessita encarar esse aspecto da vida como questão privada, sujeita a seu controle direto, assim como suas posses (casa, filhos, escravas domésticas, esposas, etc). Para o capitalismo, bem mais interessante do que produzir grandes má-

## Opinião de Marx

Se quisermos enfrentar o desafio de deslindar as relações entre a luta pela construção do socialismo e a emancipação da mulher, o caminho para isso deve começar pela busca do que disseram, a esse respeito, aqueles que pela primeira vez afirmaram que a aventura humana de alcançar o comunismo era uma aventura possível.

“A Ideologia Alemã” é um dos textos de Marx que melhor expressa seus estudos sobre o materialismo histórico, por isso não será demais nos estendermos um pouco na exposição das idéias nele contidas, ao procurarmos abordar as origens da opressão e a localização da questão de gênero no conjunto de suas análises:

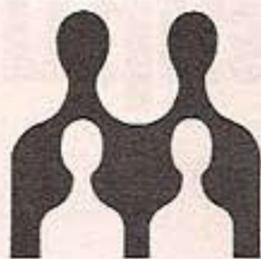
Ao afirmar que (...) “Ali onde termina a especulação, na vida real, começa também a ciência real” e que, no lugar de uma filosofia independente da vida real, “surge um compêndio dos resultados mais gerais, abstraídos do estudo do desenvolvimento histórico dos homens”. Marx relaciona algumas dessas “abstrações”, começando pela história, e aí chegamos à questão de gênero. “O primeiro fato histórico”, diz Marx, “é a produção dos meios indispensáveis à satisfação das necessidades” (comer, beber, morar, vestir-se, etc.), (...) “O segundo é que a satisfação desta primeira necessidade(...) conduz a novas necessidades.” (...). “O terceiro fator que aqui intervém de antemão no desenvolvimento histórico é que os homens que renovam diariamente sua própria vida, começam ao mesmo tempo a criar ou-

tros homens, a procriar: a relação entre o homem e a mulher, entre pais e filhos, a família. Esta família, que a princípio constitui a única relação social” (...). E Marx conclui: “Estes três aspectos da atividade social não devem ser considerados como três fases distintas, senão que intimamente ligadas, como três aspectos (...) que vêm existindo desde o princípio da história e desde o primeiro homem e que, sem dúvida, ainda hoje seguem regendo a história”.

Outro momento da obra de Marx e Engels, importantes nessa discussão, refere-se à divisão de trabalho: “A primeira grande divisão de trabalho nas sociedades primitivas”, afirma Engels, “e isto se reafirma nos estudos da antropologia recente, é a divisão sexual do trabalho”. Divisão de trabalho e propriedade privada são termos idênticos: um deles diz, com referência às atividades, o mesmo que o outro, com referência ao produto” (6). E mais, ao falar das sociedades primitivas, anteriores às classes, Engels coloca assim essa divisão sexual do trabalho: “A divisão do trabalho é espontânea, só existe de sexo a sexo. O homem vai à guerra, se dedica à pesca e providencia o necessário para isso, assim como a matéria-prima para a alimentação. A mulher cuida da casa, dos alimentos e das vestes, cozinha, fia e cose. Cada um é dono de seus domínios, o homem na selva, a mulher na casa. Cada um é proprietário dos instrumentos que elabora e usa: o homem, de suas armas, de seus apetrechos de caça e pesca; a mulher, de seus utensílios caseiros” (7).

quinas de lavar, e ter de misturar suas roupas finas à da "gentalha", é produzir e criar a demanda das máquinas domésticas, personalizadas, vendidas uma a uma, e ter até lavanderias de luxo para pessoas de fino trato.

**As mudanças exigidas pela mulher são tão universais quanto as da luta de classes**



A classe operária em seu conjunto, ao ser a principal interessada em pôr fim à propriedade privada dos meios de produção, não resolverá definitivamente esse problema, sem atacar os outros pilares da antiga estrutura, tomando para si, segundo seus interesses igualitários, o controle da reprodução. Só então, libertará a sua vida privada dos estereótipos e padrões opressores e conquistará seu direito à autodeterminação, no terreno da vida familiar e afetiva, podendo experimentar uma imensa gama de sentimentos, vivências e crescimento como ser humano, somente possíveis quando a sociedade como um todo estiver livre do jugo dos papéis de dominador e dominado, e a mulher, em particular, estiver liberta do papel que lhe é imposto, de simples reprodutora de mão-de-obra e escrava desse encargo, retirando da esfera privada tudo o que diz respeito à manutenção da existência.

Quando Engels se refere à família no comunismo, apesar de certo tom de utopia que possa exprimir, reflete de forma clara essa concepção: "As relações entre os sexos passará a ter um caráter puramente privado, pertencente somente às pessoas que tomam parte delas, sem o menor motivo para a ingerência da sociedade. Isso é possível, em função da supressão da propriedade privada e da educação das crianças pela sociedade, com a qual se destróem as bases do matrimônio atual ligadas à propriedade privada: a dependência da mulher em relação ao homem e dos filhos em relação aos pais" (4).

Sob essa ótica, a questão da mulher não se inscreve, como uma série de lutas setoriais, apenas na esfera dos direitos humanos, nem diz respeito somente a elas, mulheres. As mudanças que ela exige estão na esfera do relacionamento individual, das leis, do Estado, da ciência, da cultura, das artes, das relações de produção, de todas as estruturas sociais, e é tão universal como a questão de classe.

Assim como no capitalismo surge a classe operária, coveira do próprio capitalismo, surgem também as condições para o fim da estrutura patriarcal e machista. Apesar da formulação pouco precisa de Marx e Engels, ao falarem do proletário e sua mulher, como se não existisse a mulher proletária, eles traduzem bem essa realidade: "As condições de existência da velha sociedade estão já abolidas nas condições de existência do proletariado. O proletariado não tem

propriedade, suas relações com a mulher e os filhos nada têm em comum com as relações familiares burguesas. O trabalho industrial moderno, o moderno jogo do capital, que é o mesmo na Inglaterra, na França, nos EUA, na Alemanha, despoja o proletariado de todo o caráter nacional. As leis, a moral, a religião são para ele meros prejuízos burgueses, atrás dos quais se ocultam outros tantos interesses da burguesia".(5)

Assistimos hoje, a fenômenos que nos demonstram o grau de contradição a que chegou essa estrutura de gênero no capitalismo e de que forma se criam as condições para a superação da opressão de gênero, como a divisão de heranças dentro das famílias de grandes proprietários (o processo de herança do grupo Bradesco, por exemplo, com a morte de Amador Aguiar, as disputas familiares no grupo Pão de Açúcar e outros), a possibilidade de confirmação de paternidade, com os modernos testes genéticos, como no caso de Pelé, por exemplo, ou dos bancos de espermas para inseminação artificial, entre outros.

Ao lado desses fenômenos, a classe operária vai ganhando consciência de que é explorada, enquanto classe, torna-se classe para si - um aspecto subjetivo da luta de classe -, mas deve também ganhar a consciência desses "meros prejuízos" e de que dentro dela existe uma outra opressão, intimamente ligada a essa primeira: a opressão de gênero. Ao venderem sua força de trabalho, suas famílias também passam a ser propriedades do capital, vivem e se reproduzem de acordo com os interesses ditados pela burguesia.

As mulheres, ao arcarem com todos os desgastes e aflições do controle que sofrem sobre sua capacidade reprodutiva e com a manutenção da vida - como se isso fosse tarefa sua -, pagam um tributo bastante alto por isso, quando, na verdade, estão atendendo a um conjunto de necessidades que são de toda a sociedade. Libertar-se dessa contradição, resgatar o caráter privado da reprodução, como vivência individual e prazerosa e tornar sociais todos os encargos da manutenção da vida, é libertar homens e mulheres de cadeias seculares que consomem e degradam a vida humana. ■

SARA SORRENTINO - Médica, editora da revista "Presença da Mulher".

## NOTAS

- (1) Carta de Engels a Bloch.
- (2) Engels, F. - "Origem da Família, da Propriedade e do Estado" - Prólogo - 1884 - Ed. Claridad - 1971.
- (3) Marx, C. - "O Capital"
- (4) Engels, F. "Fundamentos do Comunismo" - 1847 - Obras Escolhidas - Vol.I
- (5) Marx, C. Engels, F. - "Manifesto Comunista" - Obras Escolhidas - Vol I.
- (6) Engels, F. "Feurbach. Oposição entre as Concepções Materialista e Idealista" - Obras Escolhidas - Vol. I
- (7) Engels, F. "Origem da Família, da Propriedade e do Estado" - Ed. Claridad - 1971.